

Paisagem do (In)visível: Dialética entre Imagens que Falam de um Sertão Cosmoperceptivo

Francilene da Silva Abreu

Resumo

Este artigo mostra a relação entre as representações visuais e as percepções sensoriais do sertão brasileiro. O objetivo é analisar como as imagens do sertão, as que o representam de forma tradicional e as que desafiam essas representações, contribuem para uma compreensão desse território. Busca-se evidenciar aspectos conceituais que constroem uma dialética entre o visível e o invisível através de registro fotográfico que falam sobre a cosmopercepção do sertão, considerando não apenas a paisagem física, mas também dimensões culturais, sociais e emocionais que a permeia. A metodologia utilizada combina uma abordagem qualitativa com a análise de imagens contextualizadas das percepções sobre o sertão e reflete a realidade onde este espaço é percebido e vivido. Por fim, enfatiza a necessidade de se promover uma valorização das múltiplas dimensões que compõem a paisagem sertaneja, trazendo para dentro do debate acadêmico uma forma diferenciada de olhar o sertão e sua riqueza sociocultural.

Palavras-chave: paisagem; cosmopercepção; sertão.

Landscape of (In)visible: Dialectics between Images that Speak of a Cosmoperceptive Hinterland

Abstract

This article shows the relationship between visual representations and sensory perceptions of the Brazilian hinterland. The objective is to analyze how images of the backlands, both those that represent it in a traditional way and those that challenge these representations, contribute to an understanding of this territory. The aim is to highlight conceptual aspects that build a dialectic between the visible and the invisible through photographic records that speak about the cosmoperception of the hinterlands, considering not only the physical landscape, but also the cultural, social and emotional

dimensions that permeate it. The methodology used combines a qualitative approach with the analysis of contextualized images of perceptions of the hinterlands and reflects the reality in which this space is perceived and experienced. Finally, it emphasizes the need to promote an appreciation of the multiple dimensions that make up the hinterlands landscape, bringing into the academic debate a different way of looking at the backlands and its socio-cultural richness.

Keywords: landscape; cosmoperception, backlands.

Texto integral

Imagens que falam

A fotografia é um elemento etnográfico riquíssimo em fornecimento de dados e informações com diferentes abordagens na antropologia, ou seja, é um instrumento etnográfico de comunicação visual que traduz momentos, eras, tempos, narrativas e acontecimentos. Margaret Mead (em que ano?) foi uma das pioneiras no uso deste recurso visual imagético para registrar e analisar dados por meio das fotos. Deve-se considerar que o uso desta técnica numa pesquisa é válido quando se objetiva realizar uma antropologia fora do espaço investigado, com recursos captados à distância, especialmente quando vêm imbuídos de registros verbais.

É um matiz de imagens que se aquarelam em cores do cotidiano. É o simbolismo de uma realidade que transcende uma cosmopercepção do nordeste sertanejo. Rico em detalhes naturais, composto por uma beleza singular, simbólica, real e vívida que faz conexão entre o espaço físico local e a própria história, muitas vezes imbuídas de grandes lutas, sobrevivências e fé, forjada no recanto mais íntimo do torrão, do barro avermelhado, da areia acinzentada, castigada pela seca ou resiliente pela persistência no sobreviver.

Fotografar é arte. É diálogo. É registro. É mensagem. É memória. A fotografia apresenta distintos conceitos que dialoga com o público em geral. É história. Traz uma

perspectiva geo-histórica e registra e eterniza momentos únicos e particulares. É uma oportunidade de refazer uma leitura geográfica do espaço e do local e voltar a um lugar outrora já percorrido.

A metodologia utilizada combina uma abordagem qualitativa com a análise de imagens contextualizadas das percepções sobre o sertão e reflete a realidade onde este espaço é percebido e vivido. A ciência da Fenomenologia permite compreender como as pessoas que vivem no Sertão percebem e interpretam seu próprio ambiente de maneira significativa, enfatizando sua subjetividade de percepção de mundo, suas emoções e vivências. Por outro lado, a dialética ajuda na análise das relações sociais e históricas que moldam a realidade do sertão, analisando as relações entre a natureza e a sociedade, caso conscientize os indivíduos e provoque mudanças sociais.

A problemática da questão intersecciona Fenomenologia e Dialética na compreensão, em sentidos lógicos e diferentes, do que seja o Sertão, suas estruturas, contradições, vivências e tudo que o cercam pode afetar sua população direta ou indiretamente. Quando combinadas ou associadas essas abordagens permitem uma análise mais contextualizada, enriquecendo a narrativa de que as fotografias em epígrafe capturaram não somente uma realidade visual de um sertão em cores ou não, mas possibilita refletir sobre as dinâmicas sociais em todos os níveis e percepção, que o permeiam.

A câmera como ferramenta no campo de pesquisa foi um biunívoco instrumento também usado por Bateson juntamente com Mead na sociedade balinesa (Mead; Bateson, 1962). O uso de fotografias, apesar de ser metonímico, deve ser controlado com responsabilidade quanto ao dado coletado, para que quem vier utilizá-las, posteriormente, tenha acesso facilitado. Frank Spencer (1992, p. 103) é outro autor que mimetiza a utilização da fotografia para registros antropológicos e como um meio para justificar uma ideia relacionada a raça, sistemas antropométricos e peculiaridades de culturas em vias de transformação. Já Evans-Pritchard, (2004), fez amplos registros sobre o sistema de crenças entre os Azande (Sudão, continente africano) e outros momentos

antropológicos¹. No Brasil, nesse aspecto, uma das precursoras na utilização da fotografia e no uso da imagem fílmica, Sylvia Caiuby Novaes (2012) traz um novo olhar para dentro da antropologia brasileira.

A antropóloga, professora, pesquisadora histórica e visual Elizabeth Edwards, também usa a fotografia como um processo de criação da história, argumenta que o “afeto” fotográfico permeia os engajamentos da análise antropológica como modo de história, memória e identidade, e diz ainda que a fotografia atua como uma moldura para o volume. Enfatiza as qualidades duais de afeto e evidência que sustentam as maneiras pelas quais as fotografias são absorvidas como conhecimento antropológico. Argumenta, ainda, que conhecimento e afeto com a fotografia atuam como uma moldura para o volume que permeiam os engajamentos antropológicos. (Edwards, 2014, p. 99–107).

Figura 1: Casa coberta de palha de babaçu e parede de “taipa”. Buriti Bravo-MA



Fonte: a autora, 2024.

¹ Num total de 2500 fotografias são atribuídas a Evans-Pritchard durante seu trabalho de campo antropológico entre 1926 e 1936 em além dos Azande inclui-se Moro, Ingessana, Bongo e Nuer, que estão no cerne das coleções de fotografias do Pitt Rivers Museum, relacionadas ao Sudão do Sul (Pitt Rivers Museum, <https://southernsudan.prm.ox.ac.uk/biography/pritchard/>).

A casa de taipa é uma arquitetura cosmológica do sertão; feita com madeira oriunda da palha do babaçu e barro batido, misturado com água, formando uma espécie de concreto, amarrada com linhas ou “embiras” retiradas de alguns tipos de árvores. A cobertura feita da própria palha da palmeira de babaçu. A percepção, impressão e sensação de uma fotografia transmite um leque abrangente de concepções realísticas daquela paisagem ora fotografada. É epistemologicamente um reflexo da relação simbiótica entre os sujeitos e objeto em epígrafe provocando transformações imbricadas entre tradições, geografias, artes, poesias, estéticas e cores que traduzem a intensidade do local e do ambiente através de texturas que evocam representativamente o sertão.

O tempo ancestral é um tempo crivado de identidades (estampas). Em cada uma de suas dobras abriga-se um sem número de identidades flutuantes, colorindo de matizes a estampa impressa no tecido da existência. Por isso não é um tempo linear, por isso não é um tempo retilíneo. Ele é um tempo que se recria, pois a memória é tão somente um mecanismo de acessos à ancestralidade que tem como referência o corrente. O devir é, portanto, o demiurgo da ancestralidade – e não o contrário! (Oliveira, 2007, p. 246).

Alguns antropólogos utilizaram essa ferramenta como fonte para analisar e interpretar comunidades, pois a imagem pode produzir informações sobre a cultura, sistema político e relações sociais de uma determinada época, em que os textos podem não revelar. Roland Barthes (1984, p. 13) diz que “a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”.

Porquanto, esse ensaio fotográfico busca resgatar as diferentes formas como se dá a construção de uma realidade quase invisível, não citada, mas construídas de uma forma perceptiva, representativa, através de imagens fotografadas no cotidiano, inspirativas, doloridas, relacional unindo mundos distintos e iguais. O presente artigo, em linguagem visual, visa analisar como as imagens do sertão, tanto as que o representam tradicionalmente quanto as que desafiam essas representações contribuem para uma compreensão desse território, evidenciando aspectos conceituais que constroem um

Sertão que é simultaneamente real e simbólico, caracterizado por sua paisagem, através do registro de históricas imagens fotográficas, visto que o movimento etno fotográfico pode transitar entre diferentes suportes e temporalidades.

Figura 2: Casa coberta de palha, parede de “adobe” e terraço em chão de barro batido. Buriti Bravo-MA



Fonte: a autora, 2024.

A fundação de uma casa pode ter materiais variados, como o adobe, o qual é um tipo de tijolo bio construtivo produzido a partir da terra (barro cru), areia e fibras vegetais, que de forma ecológica e sustentável é feito de forma artesanal e padronizada, conforme apresentado nos modelos acima. Uma casa é muito mais que uma estrutura física, construída por elementos naturais que remetem à sustentabilidade, apego, terra e sentimentos. O mundo é construído por retalhos, estampas e pedaços de momentos que podem ser eternizados no decorrer da História por meio da imagem fotográfica, que cria, recria e

transmite realidades guardadas na memória. “O tecido é o lençol da ancestralidade. Esse tecido é composto de fios de memória e a memória é flexível, fluídica e dinâmica” (Oliveira, 2007, p. 250).

De acordo com Carsten e Hugh-Jones (1995, p. 3), “casas são muito mais do que estruturas físicas. Isso é óbvio quando pensamos sobre o que faz de uma casa um lar”, visto que “a análise da casa pode reunir áreas da vida social”. As construções são dinâmicas, mudam de formatos, de material, tamanho e usam toda uma estrutura para se fazer representar. É o que Lévi-Strauss, *apud* Carsten e Hugh-Jones (1995) chamaria de “sociedade da casa”.

Assim como as pessoas que elas contêm, casas são entidades dinâmicas que muitas vezes são pensadas como são nascendo, amadurecendo, envelhecendo e perecendo. Há uma simbiose entre a Antropologia da arquitetura que envolve não somente engenheiros e construtores, mas técnicos empíricos, pessoas comuns com senso afetivo aguçado pelo sentimentalismo e pela própria narrativa histórica constituída. Para Collier Jr (1973), o uso da fotografia começou a fazer parte das narrativas visuais nas ciências sociais antropológicas a partir do século XIX. Era uma imaginação ideológica positivista possível e passível de ser aperfeiçoada, aprimorada e evoluída para um nível maior, como a filmagem, cinema e ordenada pelas ciências e tecnologias, trazendo grandes avanços na didática, onde haja uma relação pedagógica com a obra fotográfica.

A fotografia, muito mais que uma simples imagem, narra um inefável momento onde se transforma realidades em registros de fatos significativos. A imagem não é somente a transmutação de um momento original, mas é a plástica e estética real, captada e construída numa perspectiva espacial e geograficamente poética e trágica, expressa no âmago dos sentimentos, da arte, da cultura e de cada imagem tecida no imaginário vivido. Por meio de registros fotográficos, é possível se construir um inventário histórico do que ocorre ao derredor. Cada paisagem é uma visão real captada naquele momento. É um caminhar entre as ideias, buscando um genuíno conhecimento baseado no diálogo entre o que se vê e o que se cria, entre o que se cria e o que se

entende. Há uma biúnica sensação que dialoga com cada contradição em imagem, visível às vezes invisibilizada, mas existentemente persistente e ancestralizada.

A fotografia é uma imagem que sai do campo visual e se hospeda no registro da memória, de onde pode ser resgatada a qualquer momento das lembranças, por ser um marco e insígnia de um momento passado, que pode se transformar no presente, futuro ou ainda andar por vários espaços de tempo, numa mobilidade tal que pode falar com seus interlocutores visuais. Espaços para junção de elementos de subsistência, sobrevivência, num convívio harmônico e integral. A fotografia dá voz à imagem, por ser uma ferramenta que documenta, analisa e interpreta eventos e contextos sociais, desempenhando um relevante papel na ciência, ao poder documentar e registrar momentos históricos de uma representação visual permitindo uma melhor reflexão e interpretação da história. A imagem é composta por revelações e fios de memórias, repleta de repertórios tais, que cabem várias interpretações ao redor de uma única imagem fotográfica.

Figura 3: Casas cobertas de telha com paredes de barro. Aldeia Guajajara, Barra do Corda-MA



Fonte: Compilação da autora, 2024.

Figura 4: Casa “murada” com cercas de madeiras “do mato” da Caatinga brasileira.
Aldeia Guajajara, Barra do Corda-MA



Fonte: Compilação da autora, 2024.

Figura 5: Casas cobertas de telhas, paredes de barro e cerca de madeira “do mato”.
Aldeia Guajajara, Barra do Corda-MA



Fonte: Compilação da autora, 2024.

Muitas famílias que habitam em casas situadas em áreas rurais do sertão, principalmente em virtude de suas limitações socioeconômicas, recorrem a árvores de pequeno porte da caatinga para construir suas cercas. Esse tipo de construção é um reflexo claro das desigualdades sociais que permeiam a vida das populações rurais do sertão, mas também desempenha função relevante, como a proteção contra a invasão de animais silvestres, por preservar os que estão no espaço do terreno, proporcionando um certo grau de privacidade geográfica e mantendo um espaço mais reservado para tais famílias, nesse contexto rural.

A escolha por esse tipo de material deve-se à disponibilidade local e ao baixo custo do produto, tornando-o mais acessível. Ademais, fica visível nessa falta de infraestrutura a ausência de políticas públicas que poderiam ofertar alternativas mais adequadas e seguras para proteção das famílias que habitam em tais casas e terras. Salienta-se que esse tipo de 'construção' é também um indicativo das desigualdades estruturais existentes e que afetam diretamente a qualidade de vida e as oportunidades dessas populações a melhores acessos sociais e a condições de vida no sertão brasileiro. A fotografia, seja ela colorida ou em preto e branco, sendo verdadeira, autêntica, é muito mais que uma imagem, é um fato ocorrido estático ou em dinâmico que capta minúcias tais que às vezes as narrativas verbais não conseguem determinar.

Cotidiano...

Assim como as imagens anteriores, as que vêm a seguir compõem uma série fotográfica de imagens híbridas, atemporais com uma temática característica do sertão nordestino capturadas por meio de *smartphone*, num trabalho de campo, etnográfico entre os meses de maio a dezembro de 2024, intercaladamente em duas localidades do sertão do Estado do Maranhão, na cidade de Buriti Bravo e na Aldeia Guajajara, na cidade de Barra do Corda.

Este Sertão, muito mais que uma região que faz parte do nordeste brasileiro, é marcado por grandes desafios naturais, entre os quais a seca, a pobreza e o

analfabetismo. Freyre (2004), em *Casa-Grande e Senzala*, já falava sobre a formação social do Brasil, na região Nordeste, onde mencionava como a seca influenciava nas questões educacionais e na formação cultural da população. Já Cunha (1984) aborda a vida no sertão nordestino, dando destaque à seca como um dos fatores que agravava a condição de vida da população e contribuía grandemente para um ciclo de pobreza e analfabetismo. A intersecção que há entre a seca e o analfabetismo é um tema que requer atenção para a implementação de políticas públicas adequadas.

O Sertão é, também, uma terra de resistências, lutas, superações, de identidade singular onde cultura e costumes se entrelaçam para revelar sua múltipla dimensão, onde emergem riqueza cultural e beleza natural. Todos esses elementos influenciaram na construção desse artigo e na seleção das fotos aqui utilizadas. Não são somente paisagens retratadas, em cada imagem está inserida uma história, uma narrativa que dialoga com a essência deste Sertão.

Essa representação fotográfica do Sertão é uma revelação que permite entender suas realidades ao mesmo tempo, em que é um convite para refletir sobre as dinâmicas que o envolvem. A ideia é passar a mensagem do que é a realidade sertaneja através de imagens captadas no cotidiano de uma vila, interiorana com casas construídas a partir de elementos naturais que servem como residências de pessoas, entre outros momentos vivenciados no dia-a-dia e objetos usados que constroem ricas histórias. A imagem de um banheiro é muito mais que um simples banheiro, aqui se revela uma questão higienista que pode levantar diversas discussões sobre a deficiência de saneamento básico e falta de infraestrutura adequada em pleno século XXI. Podendo comprometer a saúde de toda uma comunidade. Situação como essa degrada a dignidade humana e pode contribuir para a proliferação de doenças. Essas são algumas dificuldades enfrentadas pela população do sertão nordestino.

Essa é uma discussão que afeta a estrutura social e humanitária, e, dialeticamente, lança o desafio para uma reflexão quanto às desigualdades sociais presentes num mesmo país. São questões como essas que mobilizam a sociedade para haver direitos humanos mais equânimes.

Figura 6: Ruas com pavimentação de areia/barro natural. Aldeia Guajajara-Barra do Corda-MA



Fonte: Compilação da autora, 2024.

Figura 7: Banheiros ao ar livre construídos com palhas de “tucum” e de “babaçu”. Buriti Bravo-MA



Fonte: Compilação da autora, 2024.

Figura 08: Casa de lenha”. Buriti Bravo-MA



Fonte: a autora (2024).

Figura 9: Colheita amontoada de coco babaçu para quebra e retirada das amêndoas. Buriti Bravo-MA



Fonte: a autora (2024).

Figura 10: Cascas do coco babaçu. Buriti Bravo-MA



Fonte: a autora (2024).

Figura 11: “trepe” com 3 pedras da região do sertão e lenha queimada. Buriti Bravo-MA



Fonte: a autora (2024).

Figura 12: Panela de alumínio para refeições de grandes famílias. Buriti Bravo-MA



Fonte: a autora (2024).

Figura 13: “cangalha” para animais de carga (jumentos, cavalos e bois). Buriti Bravo-MA



Fonte: a autora (2024).

Figura 14: Chiqueiro e porcos dentro do mesmo – imagem em preto e branco. Buriti Bravo-MA



Fonte: Compilação da autora , 2024.

Figura 15: Banheiras de pneus de borracha de carro e animais de criação. Buriti Bravo-MA



Fonte: Compilação da autora, 2024.

Figura 16: Forno de assar bolos, feito de barro. Buriti Bravo-MA



Fonte: a autora (2024).

Por fim...

A paisagem do sertão oferece um campo de diálogo entre o concreto e o abstrato, onde a realidade se intersecciona com várias memórias coletivas. É uma dialética que incentiva a olhar mais dentro, além das próprias aparências, e tentar compreender as vozes que surgem neste sertão tão vasto. É essa paisagem (in)visível que subtende um convite a uma reflexão contínua entre o ser humano e o espaço que habita, que traz muitos significados nas paisagens que amostra com tudo que o cerca: animais, casas e elementos do cotidiano. O sertão oferece uma rica simbiose de momentos fotograficamente construídos através de momentos vividos, presenciados e realisticamente captados. Para Curnier, Jean-Paul (1994, p. 1,4) “[...] a fotografia é um modo de parar o tempo. Isso porque é praticada e utilizada com maior frequência como suporte da memória e nos coloca no contexto de uma lembrança que não é nossa, de uma lembrança inventada”.

Por fim, a fotografia é um documento visual, palpável ou não, que auxilia na preservação da memória e da história. Fotografar o sertão é adentrar numa singularidade

particular, socio visual. Onde cada imagem não é uma paisagem árida, em cores chocantes, mas são histórias, testemunhos de uma realidade captada por meio de uma lente que podem revelar e suscitar várias reflexões sobre um povo e um lugar: o Sertão.

Referências

- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. **A construção de imagens na pesquisa de campo em Antropologia**. In: *Iluminuras*, Porto Alegre, v.13, p.11-29, jul./dez. 2012.
- CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen (eds.). 1995. **About the House: Lévi-Strauss and Beyond**. Cambridge: Cambridge University Press. 300 pp.
- COLLIER Jr., John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo (SP). Editora Pedagógica e Universitária [EPU], Edusp [Editora da Universidade de São Paulo], 1973. 208 p.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três [1901]/1984 (Biblioteca do Estudante) Livro Digital. PDF, 359p. Domínio Público.
- CURNIER, Jean-Paul. **Memória de ruínas**. Revista *Imagens*, Campinas: Ed. da Unicamp, n. 3, 1994.
- EDWARDS, Elizabeth. **Anthropology and Photography: A long history of knowledge and affect**. New Haven: Yale University Press, 2014 [1992]. pp. 99-107.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Tradução: Eduardo Viveiros de Castro. Museu Nacional: UFRJ. [1937]/2004.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Editora Global, 49ª ed. São Paulo. 2004.
- MEAD, Margaret; BATESON, Gregory. **Balinese character: a photographic analysis**. New York: New York Academy of Sciences, 1962. Special publication, v. 2.
- OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- SPENCER, Frank. **Some Notes on the Attempt to Apply Photography to Anthropometry during the Second Half of the Nineteenth Century**. In *Anthropology and Photography 1860-1920*. Edited by Elizabeth Edwards, New Haven and London: Yale University Press in association with The Royal Anthropological Institute, London: 1992. pp. 103.

A autora

Francilene da Silva Abreu

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Recebido em 12/2024 • Aprovado em 02/2025 • Publicado em 03/2025